

Terras de Plantar, Terras de Criar – Sistema Faxinal: Rebouças – 1950-1997

NERONE, Maria Magdalena. **Terras de Plantar, Terras de Criar – Sistema Faxinal: Rebouças – 1950-1997**. 2000.286f. (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, 2000.

Cecilia Hauresko

Universidade Estadual do Centro Oeste

A referida tese, de autoria de Maria Magdalena Nerone, foi apresentada em 2000, ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, para a obtenção do título de doutora em História. Este estudo integrou o conjunto de investigações da Linha de Pesquisa Movimentos Sociais.

Maria Magdalena Nerone foi professora do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO de Guarapuava, no Paraná. Em sua caminhada acadêmico-profissional, conheceu muito da realidade dos faxinais localizados no município de Rebouças – PR. O fator que concorreu para a seleção desse município como espaço da pesquisa e, especificamente, a comunidade de Marmeleiro, foi de a pesquisadora ser ali nascida e possuir vasto conhecimento sobre o meio rural, conforme destaca na parte introdutória da tese.

Durante quase uma década, dedicou-se a estudar a região do Marmeleiro. Desde 1988, desenvolveu um trabalho de pesquisadora e mediadora das relações entre os moradores de faxinais e os representantes municipais. Conheceu esse faxinal desde suas raízes mais profundas, por ter ouvido histórias de vida de seus moradores mais idosos e, o mais importante, numa

condição de comprometimento e participação, demonstrados pelos trabalhos realizados com e pelas comunidades de faxinal.

Utilizando-se da metodologia da História Oral, ouviu o apelo dessa comunidade por uma sobrevivência coletiva de seus moradores. Assim, seus contatos com a comunidade extrapolaram a coleta de dados para uma pré-pesquisa, e se inscreveram num quadro de mediação entre a comunidade local e as autoridades municipais. Procurada pela Associação de Agricultores de Marmeleiro, para auxiliá-los na elaboração de propostas referentes à Lei Orgânica do município, manifestando a necessidade de assegurar, legalmente, elementos importantes para a comunidade, como o criadouro comunitário e a reserva florestal que integram o sistema faxinal, a professora-pesquisadora encampou esta luta. A proposta foi elaborada e votada pela Câmara de Vereadores, recebendo parecer favorável. Dessa forma, foi assegurado o artigo 133, que trata da preservação dos faxinais, na Lei Orgânica do Município de Rebouças, oficializada em maio de 1990.

A autora desenvolve um método que resgata, através da memória dos faxinenses, as relações cotidianas da festa, do trabalho, do lazer, dos encontros e dos desencontros, da identidade, dos estranhamentos, os processos de desintegração e de

resistência dos/nos faxinais etc. Através da utilização da fonte oral, das falas dos moradores pesquisados vai reconstruindo, pelas suas narrativas, as experiências vividas, as mudanças, os medos e as ansiedades. Neste tempo-espaço, evidenciaram-se, via observações e entrevistas, conflitos latentes desencadeados pela desestruturação do criadouro comum, cuja extinção resultaria na desarticulação do sistema Faxinal, e analisou meticulosamente o drama vivido pela população de Marmeleiro de Baixo.

A inserção da pesquisadora no cotidiano do faxinal resultou na elaboração de documentos oficiais e de outras fontes construídas ao longo do tempo. Foram cinco anos de trabalho de campo, com conquistas significativas para a comunidade.

Entre os anos de 1989 e 1994, a questão dos faxinais foi posta em debate pela autora no Estado do Paraná e fora dele, via conferências das quais participou e pela formulação do projeto governamental sobre os faxinais do Paraná, enviado ao Banco Mundial.

Compartilhando do cotidiano desses agentes sociais, resgatou suas histórias de vida e, com a memória refletida em suas experiências, marcada por lutas e ações que buscavam preservar um modo de vida, construiu as bases do seu trabalho de doutorado. Portanto, trata-se de uma pessoa com inexorável credibilidade no meio acadêmico para tratar do assunto a que se propôs. Ademais, a duração desta pesquisa foi fundamental para nos brindar com o seu denso estudo sobre os faxinais.

Os dados foram trabalhados com a utilização de ferramentas da Antropologia e da Sociologia, como relata a autora, por meio de um frutífero diálogo com conhecimentos e métodos interpretativos multidisciplinares, sob a orientação do Professor Doutor Benedito M. A. Perrini Gil da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus

de Assis – SP. As informações e dados gerados por este trabalho constituíram uma importante contribuição para a História, a Geografia, a Sociologia, a Antropologia e outras áreas do conhecimento com as quais dialogou.

Não é possível apresentar, pormenorizadamente, a análise desenvolvida pela autora no espaço gráfico que se espera de uma resenha, porém, insistindo para que o leitor ganhe com a leitura, optou-se por fazer menções às principais ideias que estruturam cada parte do trabalho.

O movimento que o leitor encontrará nas 286 páginas desta tese é, antes de tudo, um posicionamento que se construiu na observação cuidadosa, para além da paisagem, do observável. A organização dos capítulos e a apresentação didática desse tema, tão amplo e complexo, faz da obra uma referência fundamental para estudiosos dos faxinais no Paraná.

O corpo da obra é constituído de cinco capítulos. Na introdução, são apresentados os conteúdos que darão sustentação aos capítulos e estabelecidas as abordagens teórico-metodológicas da sua análise.

No primeiro capítulo – *Origens do Sistema Faxinal: da Península Ibérica ao Paraná* –, Nerone recorre a uma criteriosa investigação histórica, reportando-se à literatura da metade do século XX, sobre o uso da terra na Espanha e em Portugal, revelando exemplos de organização comunitária, como os pastos de aproveitamento coletivo de baldios, compáscuos e outros direitos de fruição. Preconiza a estreita relação quanto à origem e à implantação das comunidades de faxinais, no Paraná, com os modelos similares, originários e existentes na Península Ibérica, principalmente com relação à forma de uso da propriedade encontrada nessas regiões.

Diante disso, a autora evidencia que o uso da terra no Sistema Faxinal não constitui um modelo original brasileiro derivado de outras formações históricas, mas suas

marcas conduzem à interpretação de que sua gênese é herança da Península Ibérica, adaptada às circunstâncias regionais. Sallienta que, no Paraná, durante o processo colonizador, espanhóis e portugueses colocaram em prática várias modalidades de colonização, de modo que o surgimento da propriedade de uso coletivo no Paraná decorre da aplicabilidade de um desses modelos. Segundo a autora, “a natureza da propriedade e o uso comunal da terra no Sistema faxinal, em terras paranaenses, deve ser compreendido a partir do modelo colonizador espanhol, implantado nas Reduções Jesuíticas”. Caracteriza as formas de ocupação e apropriação do solo no Brasil e no Paraná e dos colonizadores que aqui se estabeleceram, apontando os marcos de transição das formas de apropriação das terras paranaenses. Distingue a propriedade individual, como as sesmarias e as fazendas de criar, do sistema faxinal que, ao contrário, incluído o criadouro comum, é um projeto de uso coletivo da propriedade.

O segundo capítulo – *A posse e uso da terra no sistema faxinal* – é um convite à leitura do diálogo entre os pioneiros nos estudos dos faxinais, entre eles, Man Yu Chang e Francisco Gubert. Na sequência do segundo capítulo, descreve a origem dessa organização socioespacial, o Sistema Faxinal e a divisão interna da propriedade, hábitos e significação do imaginário faxinalense ainda presentes no mundo rural tradicional, contribuindo, dessa forma, para o pensamento a respeito do processo de formação socioespacial das comunidades rurais de faxinais. Ainda que esse tipo de comunidade mantenha semelhanças estruturais com as outras comunidades rurais, é marcada por algumas particularidades, devidas a seu ambiente e à sua história, pormenorizadamente discutidos pela autora.

No capítulo três – *Organização e Trabalho comunitário e doméstico no Faxinal* –, a autora construiu um texto muito oportuno, por seu detalhamento na descrição

dos elementos que compõem o faxinal. Demonstra também os elos que unem os moradores da comunidade via laços de parentesco, compadrio e de vizinhança, que ultrapassam o sentido de atos pessoais, solidificando amizades e compromissos, mas que representam relações de poder. Além desses laços, a autora destaca outros núcleos de poder no interior do faxinal, que eram exercidos pelo inspetor de quarteirão e o inspetor municipal. Trata-se de cargos honoríficos, ocupados por pessoas que representavam poder, mas trabalhavam sem receber salários. Sobre esses cargos, a autora diz que encargos semelhantes encontram-se na figura do alcaide, na Espanha, especificamente em Aliste. Além dessas lideranças, os líderes religiosos, o padre, o capelão, o benzedor e o dirigente do terço dominical também eram autoridades nas comunidades de faxinal.

Contudo, assinala que o processo de expansão e o fortalecimento dos sindicatos rurais e a criação da Associação de Agricultores, na década de 1980, proliferaram novos agentes sociais, com a criação da diretoria da associação. O surgimento dessas novas funções resultou no enfraquecimento do sistema como um todo, e o cargo de inspetor passou a ter seu poder limitado. Ainda neste capítulo, a autora, ao falar dos benzedores, parteiras e medicina popular, contribuiu para o alargamento dos olhares e das temáticas de estudo sobre os faxinais, dando visibilidade à parte feminina de sua população, já que pouco se sabe sobre os papéis que as mulheres tinham nesse período e, tampouco, sobre as práticas das parteiras e sobre os processos sociais que ali se produziram com a medicina popular. Outra manifestação importante, que ganha o devido destaque na obra, envolvendo o trabalho comunitário, é a prática do mutirão, denominado *puxirão* ou *pitoco*, que se caracteriza pelo trabalho coletivo realizado por um grande grupo de homens, em favor

de uma pessoa da comunidade. Conforme assinala a autora, essas e outras práticas coletivas de relação com a terra e com as pessoas foram, pouco a pouco, sendo suplantadas pelas transformações no campo e marcadas pela agricultura mecanizada. A autora descreve o cotidiano do faxinal, registrando hábitos alimentares, em que trata, minuciosamente, de cada detalhe do processo de preparação da comida e aproveitamento de cereais, verduras e frutas, além dos hábitos populares, como o feitio do fumo, do sabão e o preparo da erva-mate para o chimarrão.

No quarto capítulo – *Sociabilidade e Manifestações Culturais e Religiosas* –, a autora expõe o modo de organização e de comportamento singular que distingue o faxinal de outras localidades rurais paranaenses. “Viver no faxinal é ter um jeito próprio de se relacionar com a natureza. Esse jeito é expresso na ótica dos vários grupos que compõem a comunidade do faxinal” (p. 153). Como seu título já anuncia, o capítulo é apresentado de modo sistemático um quadro das manifestações culturais e religiosas nos faxinais. A autora se preocupa com reflexões importantes, no sentido de mostrar que, para entender o sistema faxinal, se faz necessário compreender a comunidade rural originária desse sistema. Para tanto, argumenta que, ao traduzir uma realidade aparentemente simples, a paisagem de faxinal esconde uma organização social complexa, que a distingue de outras comunidades rurais. Esse tipo de comunidade rural, mesmo que envolta pelas transformações econômico-políticas gerais, mantém suas peculiaridades e sua própria história. Ao referendar essas comunidades, a autora destaca o poder aglutinador de alguns elementos e atitudes que as conformam. Para exemplificar, elege eventos como as festas religiosas, que simbolizavam o trabalho e o lazer realizado pela mobilização do coletivo. A autora observa que os cultos aos

santos e o modo de organizar essas festas evidenciam a origem europeia e indicam que o catolicismo rural brasileiro tem raízes portuguesas. Dá destaque ao processo de perda de algumas características das festas de faxinais, atribuindo-a à vinda de gaúchos para a região de Rebouças, atraídos pelos baixos preços da terra, quando do fechamento da fronteira agrícola e da Construção da Usina de Itaipu, na região oeste do Estado. Para a autora, o processo de rejeição da tradição é também impulsionado pela incorporação de elementos modernos pelos moradores da comunidade de faxinal. No mesmo capítulo, trata e conceitua as festas populares, como a Festa de São Sebastião, a Bandeira do Divino, a Dança de São Gonçalo, a Festa da Nhá Bilisia, originadas e construídas por moradores “pobres” da comunidade. Também faz um panorama sobre sua origem, desenvolvimento e disseminação, além de revelar o processo de resistência e memória de um grupo de faxinalenses que preserva uma identidade, ao dar continuidade às festas populares realizadas em casas, embora desarticuladas com o Concílio Vaticano II. A autora expõe também sobre os fandangos, mencionando a influência viva de Portugal e Espanha nesse tipo de manifestação cultural do faxinal.

O capítulo cinco – *Desagregação do sistema faxinal* – é composto, inicialmente, pela discussão sobre os mecanismos desarticuladores dos faxinais. A autora discute os modos pelos quais algumas mudanças vêm transformando a cultura das comunidades de faxinais e quais implicações trouxeram para os faxinais, além dos novos ordenamentos e impostos nas comunidades. A autora observa que o modo como os faxinalenses significam suas experiências é completamente diferente, uma vez que eles enxergam e compreendem o mundo com outras lentes. Porém, menciona a inversão de valores na relação campo-cidade e a emergência, a partir de 1988, de uma

nova cotidianidade nos faxinais, quando os antigos líderes deles buscavam concorrer aos cargos de vereador e vice-prefeito, revelando uma tentativa de passar da relação de dependência para a posição de igualdade, no plano do poder político institucional.

A autora expõe também os conflitos vividos a partir de 1980, com o cerceamento das terras de faxinal. A cerca é o eixo central dos conflitos, sinalizando o rompimento do sistema vigente, alicerçado na chegada dos gaúchos, detentores de uma outra bagagem cultural, e era vista como problema e obstáculo ao progresso pelos “de fora”, enquanto que, para os moradores de faxinais, “a cerca é produto da conjugação de vários processos e uma estratégia de sobrevivência”. Nerone enfatiza que, dessa forma, passa a existir uma área de conflito entre a norma consuetudinária, que protege a cerca coletiva, e o Código Civil, que ampara o cercamento individual. Outrossim, a autora remonta à década de 1970, mencionando os agentes modernizadores da agricultura, que também contribuíram para a dissolução das condições materiais de reprodução social das comunidades de faxinais, bem como delinearamo contexto responsável pela ruptura nos faxinais. Nesse contexto histórico, a terra se valoriza pela política de crédito agrícola, aplicada pelo regime militar, e acentua-se a concentração da propriedade, porque a terra significa segurança para o acesso ao crédito, além do processo de monopolização do acesso à terra, um bem necessário à sobrevivência dos moradores do faxinal, que se torna escasso e caro. Destituiu-se, assim, a propriedade de uso comum de sentido, frente aos requerimentos do processo de modernização agrícola de escala e produtividade, que atende à lógica do mercado.

O processo de modernização foi concretizado e a expansão do consumo de equipamentos agrícolas, entre outras inovações

orientadas para o campo, provocaram alterações nas comunidades de faxinais, conforme destaca a autora, descaracterizando a espacialização das atividades desenvolvidas, além de pressionar seus moradores a abandonar o uso comunitário do solo. Os habitantes da região, objeto de estudo da autora, corriam o risco de terem de sair da região por causa da pressão exercida pelos novos moradores e poder municipal, que via a manutenção dos faxinais com negatividade. O desenvolvimento das forças produtivas modernas no campo eliminaram, transformaram ou recriaram a comunidade de faxinal. É neste quadro de profundas transformações que se enquadra a discussão de Nerone sobre a desagregação do sistema faxinal.

Num esforço de síntese das mudanças na estruturação do sistema faxinal, sob o impacto dos processos de reestruturação produtiva e modernização agrícola, a autora discute a fragilização dos pilares responsáveis pela sustentação dos faxinais, como as práticas coletivas e a partilha da propriedade para criadouro comunitário, fatores elementares para a continuidade do sistema faxinal. No entanto, mecanismos de resistência, mobilização social e solidariedade dos moradores também persistiram e resultaram em continuidade desse modo de organização social.

Pautando-se na questão jurídica, Nerone desenvolve uma contundente crítica sobre a ausência de qualquer respaldo jurídico ou apoio institucional, que amparasse as formas específicas de organização comunitária das comunidades de faxinais. Detentoras de uma cultura legal, com base no direito consuetudinário português, em que as leis que ordenam a comunidade não precisam, necessariamente, estar num papel ou serem sancionadas ou promulgadas, nem nunca alcançaram a legitimidade de suas práticas e foram sendo fragilizadas. Embora centenárias, as comunidades de faxinal não contavam com

respaldo jurídico e nem mesmo com apoio institucional, seja estadual ou municipal, por apresentarem uma organização social fundamentada em normas costumeiras. Com propriedade, a autora atribuiu à crise vivida no campo, que envolve também as terras de faxinais, a falta de respaldo legal que lhes assegurasse e reconhecesse o seu direito de ser e existir dentro de sua lógica e sua identidade. Ocorre que, no Brasil, conforme assinala a autora, “o povo quase sempre foi formalmente ignorado, visto que as normas costumeiras no Brasil sempre representaram objeto de descaso, não merecendo consideração, o mesmo ocorrendo em relação ao pequeno agricultor e ao operário e, no caso específico, aos faxinais que se situam dentro das formas populares de direito, com suas leis costumeiras ou consuetudinárias que regem o criadouro comum”. (p.201).

Na parte conclusiva da tese, a autora expõe os resultados da pesquisa realizada, mencionando, de forma pontual, as suas conclusões, e fala das sensações antagônicas experimentadas: por um lado, revela a satisfação com a certeza da contribuição historiográfica e, por outro, a insatisfação decorrente da percepção de lacunas existentes e de possibilidades não analisadas.

O grande desafio desta produção científica que, longe de ser uma pesquisa denunciatória, pela qual a autora procurou explicitar a especificidade do modo de vida dos moradores de faxinais, estando atenta não para romantizá-los, idealizá-los, mas problematizá-los em relação ao contexto histórico e social mais amplo. A autora sugere não somente aos pesquisadores, mas às demais autoridades, uma “reeducação do olhar”. Conclui que há necessidade de um novo enfoque para desvendar a invisibilidade dos faxinais, buscando para eles “saídas econômicas que levem em conta a totalidade do sistema”. (p. 228) Para tanto, recomenda a modificação dos programas

unilaterais criados em âmbito estadual que desconsideram as particularidades regionais e a existência de populações tradicionais, comprometendo a sobrevivência das comunidades rurais do tipo faxinal.

Para a autora:

As pretensões de conservá-lo devem considerar a hipótese de manutenção dos seus traços culturais básicos com todos os seus componentes, pois a interferência parcial em um deles altera a estrutura como um todo. Constatou-se que, quando as terras de cultura adentram o espaço das terras de criar, ocorre a desestabilização da comunidade, ocasionando conflitos sociais que ultrapassaram a fronteira doméstica e alteraram a sustentação do Sistema. (p.227)

Em suma, o trabalho de Maria Magdalena Nerone, trata com originalidade um tema que já foi substrato de muitas pesquisas realizadas posteriormente.

Para finalizar, gostaria de fazer menção ao momento presente, no qual diferentes abordagens e formas de pensar e compreender o faxinal estão nascendo. Sem dúvida, essas abordagens partiram de esforços mais antigos, como o de Magdalena Nerone, e que servem para explicar, satisfatoriamente, os fatos e experiências contemporâneas dos faxinais. Maria Magdalena Nerone merece ser tratada com respeito e gratidão por todos nós, pois as bases conceituais e o conhecimento por ela construído nos serviram de apoio para alcançarmos as condições e posições que hoje ocupamos, enquanto estudiosos dos faxinais no Paraná.

Recebido em: 26/10/11
Aceito em: 14/12/11